

ENSINO DE ARTES: incompletude, inacabamento e inconclusão na formação da pessoa pedagoga

LIMA, Carlos Alexandre Borges de Lima ¹

RESUMO: Este artigo investiga a problemática do Ensino de Artes na formação da pessoa pedagoga, buscando compreender como a inexistência de experiências artísticas em sua formação pode influenciar sua ação docente. Intenta analisar a interconexão entre incompletude, inacabamento e inconclusão explorado por Paulo Freire (2021), sendo o marco teórico principal deste artigo a obra freiriana intitulada “Educação e Mudança”. No entanto, outros autores são igualmente referidos, por terem desenvolvido conceitos e categorias que se aproximam da perspectiva aqui desenvolvida, tais como Katz e Greiner (2005; 2019), Tiqqun (2019) e Heidegger (2012). Destarte, como nucleação a problemática da insuficiência de uma única disciplina de Artes no curso de Pedagogia para abarcar a complexidade e a imensidão dessa área. A partir dessa lacuna, questiona-se como o profissional de Pedagogia pode assumir a responsabilidade de ministrar Artes sem uma formação adequada. O artigo sugere uma formação contínua e a conscientização do inacabamento humano como caminhos para superar essa limitação, promovendo uma ação interdisciplinar em diálogo com os especialistas das Artes.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de artes; pedagogia; inacabamento.

¹ Carlos Dumas, Graduado em Licenciatura em Pedagogia, Especialista em Artes da Cena pela Universidade do Estado do Amazonas e Mestre em Dança pela Universidade Federal da Bahia. Professor de Ensino Superior do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Centro Universitário FAMETRO. Estudos sobre Dança, Corpo e Cognição nas ações formativas de professores, com ênfase na formação da pessoa pedagoga. E-mail: carlosdumas.psi@gmail.com.

O Ensino de Artes na educação básica é um componente essencial para o desenvolvimento integral das pessoas educandas, contribuindo para a formação crítica, criativa e sensível. No entanto, a formação das pessoas pedagogas, responsáveis por ministrar essa disciplina nos anos iniciais do ensino fundamental, apresenta uma lacuna significativa – a carga horária dedicada ao Ensino de Artes no curso de Pedagogia é insuficiente para abarcar a complexidade e a diversidade dessa área.

Essa insuficiência gera uma problemática nucleadora: como a pessoa pedagoga, com apenas uma disciplina de artes em sua formação, pode assumir a responsabilidade de ensinar uma área de conhecimento específica? Pese embora a referência a outros autores no desenvolvimento do presente estudo, o marco teórico principal reside na obra “Educação e Mudança” de Paulo Freire (2021). Busca-se uma reflexão sobre a incompletude e o inacabamento como elementos constitutivos da formação em Pedagogia em uma conscientização do caráter inconcluso do ser humano como caminhos para superar essa limitação para o Ensino das Artes.

No contexto contemporâneo, o conceito de corpomídia, proposto por Katz e Greiner (2005), nos convida a repensar a relação entre o corpo, a comunicação e o contexto formativo. O corpo, como interface dinâmica de significados, torna-se um instrumento de aprendizagem e expressão, tanto para o educador quanto para o educando. A “fala do lugar”, por sua vez, emerge como um conceito-chave para compreendermos como as experiências e saberes enraizados no corpo podem ser articulados e compartilhados no espaço educativo.

Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a explorar a interconexão entre o inacabamento humano, a criação artística e a educação, com foco na formação da pessoa profissional de Pedagogia. Partindo da premissa de que a arte é uma linguagem artística como modo de resistência e subsistência, analisando como a inexistência de experiências artísticas na formação da pessoa pedagoga pode influenciar sua formação docente e a maneira como se relaciona com os educandos. Além disso, pretende-se refletir sobre como o conceito de corpomídia e a “fala do lugar” podem contribuir para a construção de uma educação mais humana, criativa e transformadora.

As Artes, por sua vez exige um olhar sensível e especializado, que compreenda suas particularidades e nuances. A pessoa pedagoga, por mais dedicada que seja, não possui a formação específica para desenvolver um trabalho que explore todo o potencial artístico dos educandos. Nesse sentido, a polivalência na formação em Pedagogia, embora louvável em outros aspectos, revela-se um obstáculo no ensino de Artes. Acredita-se que a valorização do profissional especialista seja o caminho para garantir um ensino de Artes de qualidade, que contribua para a formação de indivíduos mais sensíveis, criativos e críticos.

A INCOMPLETUDE E O INACABAMENTO NA FORMAÇÃO HUMANA

Em sua obra seminal, " Educação e Mudança " Freire (2021) nos convida a uma profunda reflexão sobre a natureza do ser humano. Longe de uma estabilidade estática, o ser humano se revela como um vir-a-ser constante, um projeto inacabado em contínua formação e transformação. Essa incompletude, que poderia ser interpretada como uma falha, transfigura-se, sob a ótica freiriana, em um impulso vital, uma força motriz que nos impele à busca incessante por conhecimento e a um diálogo crítico e reflexivo com o mundo que nos cerca.

Essa ontologia do inacabamento encontra eco na assertiva de que "o homem se sabe inacabado e por isso se educa" (FREIRE, 2021, p. 33). A consciência de nossa própria incompletude existencial instiga-nos a buscar na educação um caminho de autodesenvolvimento e de transformação social. A educação, nesse contexto, transcende a mera transmissão de informações, assumindo ares de um processo dinâmico de conscientização e de empoderamento. Ao reconhecermos nossa incompletude, abrimo-nos à possibilidade do aprendizado contínuo, da problematização do *status quo* e da ação transformadora em nossa própria realidade. Portanto, deve-se abraçar a condição de seres inacabados, a reconhecer que é precisamente essa incompletude que impulsiona a buscar a educação como o único meio de transformação pessoal e social.

As palavras de Freire (2021, p. 33-34) ressoam com clareza:

O cão e a árvore são também inacabados, mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: Quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e,

como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação.

A raiz da educação, portanto, reside na própria característica humana – um ser inacabado que se sabe inacabado. Ao se reconhecer como incompleto, o ser humano busca, por meio da educação, a sua própria transformação. A educação constitui, assim, uma resposta da finitude da infinitude. E essa resposta não pode vir pronta de fora, mas sim ser compreendida, construída e desenvolvida pelo próprio sujeito: "o homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém" (FREIRE, 2021, p. 34). A pedagogia freiriana, convida-nos a abraçar nossa condição de seres inacabados.

Em sua reflexão sobre o processo educativo, Freire (2021) nos adverte contra a ilusão de que a educação seja um ato solitário, um monólogo da consciência. Ao afirmar que "ninguém educa ninguém" (p. 52), o autor não busca negar a importância fundamental da alteridade, da intersubjetividade e da consciência coletiva na tessitura do aprendizado.

Freire (2021, p. 34) rechaça, com veemência, o solipsismo, o egoísmo e a individualidade excludente, pois compreende que a "busca solitária poderia traduzir-se em um ter mais, que é uma forma de ser menos [...]. O homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca". Acredita-se que a verdadeira educação, aquela que nos transforma e nos impulsiona a ser mais, floresce no terreno fértil do encontro com o outro, no diálogo que nos descentra de nós mesmos e nos abre para a riqueza do mundo compartilhado.

A condição humana, nos revela a natureza essencialmente inacabada e relacional do ser. Imerso no mundo, com o mundo e pelo mundo, o ser humano se define por sua incompletude, que engendra um saber sempre relativo. "O ser humano", afirma Freire, "não sabe de maneira absoluta" (FREIRE, 2021, p. 35). Essa relatividade do saber não implica, contudo, em uma ignorância absoluta. A dialética do saber e da ignorância se revela, assim, como um processo dinâmico e fluido, em que ambos se interpenetram e se relativizam mutuamente. "Não há saber nem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber ou da ignorância" (FREIRE, 2021, p. 35).

Essa perspectiva, nos convida a uma postura de humildade e abertura no encontro com o outro, reconhecendo que cada um possui um saber singular, fruto de

sua experiência e de sua relação com o mundo. A verdadeira sabedoria reside, portanto, na capacidade de reconhecer a incompletude do nosso próprio saber e na disposição de aprender com a experiência alheia.

Em sua jornada reflexiva, apresenta-se a esperança como o elemento teleológico² essencial que impulsiona o agir humano. A busca, nesse contexto, não se configura como um mero devaneio, mas sim como uma ação finalística, um caminhar rumo a um objetivo almejado. A educação da esperança, portanto, assume a ousadia de transformar o mundo, de construir um futuro mais justo e igualitário.

ARTES E PEDAGOGIA: CORPOMÍDIA DO CONTEXTO FORMATIVO

Katz e Greiner (2005) desenvolveram o conceito de corpomídia para descrever o corpo como uma interface dinâmica de comunicação, que cria e transforma significados na interação com o contexto. No contexto formativo, ser "corpomídia" do próprio processo significa reconhecer-se como um corpo que aprende e comunica a partir das interações com o meio ambiente, com as pessoas e com as experiências vividas.

"Como eu sou com aquilo que sou"? (Tiqqun, 2019). Entendo que esse "como eu sou – pessoa pedagoga" e "aquilo que sou – artista constituído" sofrem nos campos de disputa do capitalismo globalizado. Nas formas de vida e nas relações entre essas duas áreas do conhecimento – Pedagogia e Artes, essa reflexão busca propor uma existência que transcende dicotomias estáticas. Essas divisões rígidas e imutáveis entre dois conceitos ou categorias são tratadas como opostas e incompatíveis, propondo um questionamento contínuo sobre como o "eu" se configura em relação ao seu contexto e às estruturas ao seu redor.

Como o "eu" se configura entre esses múltiplos constituíveis que compõem essa pessoa Pedagoga Artista? Tiqqun (2019), nesse diálogo faz refletir em primeiro lugar sobre a complexidade da construção do "ser", apontando que as formas de agir e existir no mundo não emergem exclusivamente de escolhas internas ou individuais, mas são também moldadas por forças externas, como normas sociais, políticas e estruturas de poder. Essa interação revela uma guerra entre o indivíduo e o coletivo

² Em filosofia, "teleológico" é um adjetivo que se refere a algo que tem um propósito ou finalidade. A palavra deriva do grego "telos", que significa "fim" ou "propósito".

pele controle das possibilidades de ser, a subjetividade se torna um campo de disputa entre a autenticidade do “ser” e as imposições culturais e políticas que definem o que é possível ou aceitável na vida social.

A reflexão proposta por Tiquun (2019) é considerada preponderante para a compreensão das imposições culturais e políticas que afetam a autenticidade do “ser” – pessoa Pedagoga e Artista. Na busca por um diálogo entre essas duas dimensões que enfrentam a problemática da polivalência – a Educação e a Arte. Ambas requerem resistência às normatividades que tentam reduzir a Arte a um recurso e a Pedagogia a uma ação técnica e limitada.

“Minha” forma-de-vida não se relaciona ao que eu sou, mas ao como eu sou aquilo que sou, ou, dito de outra forma: entre um ser e suas “qualidades”, há o abismo de sua presença, a experiência singular que eu faço dele, em certo momento, em certo lugar (Tiquun, 2019, p. 18). Na percepção da reflexão do autor, possível entender a diferença entre ser algo (um estado fixo) e como ser algo (um processo dinâmico). A forma de vida não é uma identidade ou um conjunto de características fixas, mas sim a maneira como alguém vive e experimenta sua existência no mundo em determinado momento e lugar. A singularidade está na experiência vivida, no modo como se é aquilo que se é, em vez de uma essência imutável.

A intenção das Artes como área de conhecimento e expressão artística torna-se um meio de fala e de resistência, possibilitando a expressão das identidades e histórias de quem, muitas vezes, não tem voz. A “fala do lugar” nesses entres lugares – Pedagogia e Artes – implica na possibilidade de olhar para pessoas educandas não apenas a partir de uma perspectiva pedagógica convencional, mas como pessoas de seus próprios corpos e histórias, que têm muito a dizer com as Artes. Assim, como artista, meu lugar de fala se conecta com a promoção da diversidade e da pluralidade nas ações pedagógicas. As Artes permitem que as pessoas educandas construam suas identidades culturais, suas experiências de vida e suas dificuldades ou superações, transformando o corpo em um potente saber e aprendizagem.

Nessa trajetória formativa que me constitui, “fala do lugar” sugere que eu não seja apenas um transmissor de conhecimento, mas também um agente ativo de mudança e de construção de saberes coletivos. Para tal, um trabalho, tanto pedagógico quanto artístico, pode ser visto como uma reivindicação de um lugar legítimo para as Artes no processo educativo, afastando-a da posição marginalizada

e a, colocando como um núcleo do ensino, como uma área fundamental para o desenvolvimento do sujeito. Assim, a "fala do lugar" na formação em Pedagogia articula a importância das Artes como expressão, resistência e subsistência.

ESTAR EM QUESTÃO: CORPO, CRIAÇÃO E ARTE

Abordar a criação em arte, pressupõe um corpo de vivências que marcam a obra criada, proveniente de um *modus operandi* formativo que, num processo mnemônico enriquece o arcabouço criativo e estabelece um operar sensível. Tais experiências advindas do cotidiano comum, estão repletas de significados e simbologias que a percepção humana proporciona e que podem atuar como ativadores criativos ou como nomeia Agamben (2009): *dispositivos*³, que envolvem um processo de subjetivação.

Mas para que ele possa criar estes dispositivos faz-se mister que tenha uma porção de distanciamento de si e de suas práticas, por não coincidir com seu tempo cronológico pode ser considerado "inatural", "[...] mas exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo ele é capaz, mais que outros, de perceber e apreender seu tempo" (Agamben, 2009, p.58, apud Arce, 2019, p. 934).

Arce (2019) afirma que os ativadores criativos são uma técnica que estimulam de modo operativo os processos de atividades divergentes, inovadores e criativos, em todas as partes do cérebro (Prado, 1997). Eles agem no corpo vivido a partir de interrelações entre as "experiências cotidianas, estéticas e simbólicas dando possibilidade para o ato criador." (p. 936). Neste processo, operam diretamente nas instâncias perceptivas e cognitivas criando um ambiente propício à criação.

A Dança configura-se como potência educacional e de relação entre a pessoa e o mundo a partir dos movimentos e gestos oriundos das suas vivências, que são ativadores de significados nas experiências estéticas, sinestésicas, poéticas, políticas, ideológicas (op cit.). Todo esse processo nos permite compreendermos os processos de criação constituem na pessoa um *modus vivendis* pessoal e único que também podem ser considerados no âmbito da aprendizagem, nomeado por Arce (2019) *aprendência*

³ Dispositivos segundo Agamben "O dispositivo nomeia aquilo em que é por meio do qual se realiza uma pura atividade do governo sem nenhum fundamento do ser". (Agamben, 2009, p. 38).

o termo *aprendência* [...] se baseia na necessidade de uma palavra que expressasse o processo do ensino e da aprendizagem como um continuum² que tem como premissa básica a aprendizagem a partir das vivências de cada pessoa, ou seja aprend + ência. [...] que é “[...] como ato contínuo, ininterrupto de adquirir-se conhecimento a partir das relações estabelecidas com o meio onde estamos inseridos.” (Arce, 2022, p. 87).

Neste sentido, na Dança a relação corpo-mundo é um contínuo estado de *aprendência*, é um estar que habita o espaço de abertura, o terreno fértil de pergunta-respostas que nunca se fecha. Esse estado não é apenas uma condição transitória, mas uma ação contínua de ser e criar. É reconhecer-se como sujeito em movimento, em constante troca com os saberes que atravessam corpos, gestos, palavras e silêncios. É perceber-se no fazer pedagógico e artístico, em um constante compor e descompor, permitindo-se existir em uma trama em que ensinar e aprender, criar e refletir, são faces de um mesmo gesto.

Heidegger (2012), em sua obra "Ser e Tempo", explora a ideia de ser como algo que está sempre em questão. Para ele, o ser humano (Dasein)⁴ é essencialmente aquele que questiona e se projeta para além do dado, em busca de sentido no mundo. Sua noção de abertura ao ser pode inspirar a reflexão sobre o papel da pessoa docente como alguém que se mantém em constante questionamento e movimento.

O ato de educar e o ato de criar não se separam, mas se intensificam mutuamente. Educar é instaurar encontros em que o outro também possa estar em questão, no qual a experiência se torne a matéria-prima para a criação de sentidos. E criar é atravessar as fronteiras do conhecido, lançar-se ao desconhecido, permitindo que a Educação seja reinventada no mesmo ato que dá forma à Arte.

“Estar em questão” (Heidegger, 2012), portanto, é um chamado ao risco, ao deslocamento das certezas, à abertura para o outro e para o mundo. É um convite para que a Educação e as Artes se entrelacem em ações interdisciplinares que não apenas informem, mas que transformem, desdobrem, expandam. Essa pessoa docente deve estar atenta às vozes que emergem do coletivo e às pulsões que emanam do íntimo, criando espaços de escuta, diálogo e criação compartilhada.

⁴ O conceito central em "Ser e Tempo" é o Dasein, que pode ser traduzido como "ser-aí". O Dasein é o ser humano, mas Heidegger não o vê simplesmente como um sujeito ou uma consciência. O Dasein é um ser que está sempre em relação com o mundo, com os outros e com a sua própria existência. O Dasein está sempre situado em um contexto histórico e social, e é no mundo que ele existe e encontra o significado do ser. (Heidegger, 2012).

Por tanto, nesse “estar em questão” (Heidegger, 2012), não há respostas definitivas, apenas um desejo incessante de continuar o movimento – um fluxo contínuo de criar, pensar e transformar, em que o pedagógico se dissolve no artístico e o artístico se reinventa no pedagógico. E assim, a pessoa docente torna-se não apenas mediadora de saberes, mas criadora de mundos possíveis, de gestos que ressoam e de encontros que transformam.

PROPOSIÇÕES FINAIS

O Ensino das Artes na formação da pessoa pedagoga é um desafio complexo, que exige uma reflexão crítica sobre as lacunas na formação inicial e as possibilidades de superação por meio de uma formação contínua. No âmago do pensamento de Freire (2005), reside a compreensão de que a incompletude do ser humano é a matriz da qual brota a necessidade da Educação e Arte. A consciência da própria inconclusão, longe de ser um fardo, revela-se como um impulso intrínseco aos profissionais de Pedagogia à busca incessante que define a existência humana e ao conhecimento que ampliem sua atuação no ensino das Artes.

A formação contínua, nesse sentido, não é apenas uma necessidade, mas uma oportunidade para que as pessoas pedagogas assumam sua condição de seres inacabados e se engajem em um processo contínuo de aprendizado e transformação. Assim, o Ensino das Artes pode se tornar um espaço de diálogo, criatividade e expressão, contribuindo para a formação integral das pessoas educandas e para a construção de uma educação mais humana e democrática.

É imperioso, contudo, reconhecer que o saber que emerge dessa busca é sempre um saber relativo, jamais absoluto. A incompletude que nos define impede-nos de alcançar a totalidade do conhecimento, e essa consciência nos coloca em uma posição de humildade diante da vastidão do desconhecido.

Assim, a Educação e as Artes revelam-se como um processo de constante transformação, um caminho que o ser humano percorre para se tornar mais pleno, mais consciente de si e do mundo que o cerca. Buscando, desse modo, uma educação autêntica, que se enraíza na própria incompletude humana, impulsionando a transcender as limitações docentes e a construir um futuro mais justo e humano no processo de desenvolvimento artístico.

Em síntese, as artes, nesse contexto, não é apenas uma área de conhecimento, mas um meio de expressão e resistência que permite aos educandos construir suas identidades e narrativas, rompendo com as dicotomias que separam o pedagógico do artístico.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Vinícius Nicastro (Trad.). Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARCE, Carmem L. M. **Apoena**: a criação em dança a partir de Agamben e Pareyson. Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA. Salvador: ANDA, 2019.

ARCE, Carmem L. M. **Ensino e Aprendizagem**: o olhar, os corpos, as danças. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Dança. vol. 7, 2022, Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2022.

DÍEZ, David de Prado. **Manual de activación creativa: para una programación alternativa y motivadora**. Santiago de Compostela: Centro de Estudios Creativos LUBRICAN, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Trad. Lilian Lopes Martin. 45 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Fausto Castilho. Edição Bilingue. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

KATZ, Helena. Quando “lugar de fala” se torna “fala do lugar”. **Ágora: Modos de Ser em Dança**. Alumínio, SP: Jogo de Palavras, p. 145-162, 2019.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. **Corpo**: Uma Outra Biografia das Imagens. São Paulo: Annablume, 2005.

TIQQUN. **Contribuição para a Guerra em Curso**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. São Paulo: N-1 Edições, 2019. 272 p.